

O ÚLTIMO VÔO DO FLAMINGO E THE LAST FLIGHT OF FLAMINGO: A INOVAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E SUA TRADUÇÃO PARA O INGLÊS.

Michela Aparecida Santiago

Aluna de Pós-Graduação – Universidade Federal de Rondônia -UNIR

Neste artigo eu me proponho a discutir a obra de Mia Couto, O Último Vôo do Flamingo e sua tradução para o inglês, The Last Flight of Flamingo. Moçambicano, Couto se utiliza da língua portuguesa, outrora instrumento que servira à dominação colonial, como instrumento de descolonização, adequando-a à cultura de Moçambique. O idioma português vira um troféu de guerra contra a colonização ou um pilar de afirmação da cultura, história e literatura do povo. O autor brinca com o idioma inovando e inventando formas de dizer e desdizer as várias versões da verdade sobre seu país. É importante analisar como o tradutor da obra para o inglês, David Brookshaw, se comportou diante das inovações que o autor faz na língua portuguesa. Questiono até que ponto a tradução perde na força de expressão nas figuras de linguagem, na inovação que o autor Mia Couto se propõe a fazer em seu português. Como o tradutor se comporta quando encontra palavras criadas, re-inventadas ou até híbridas usadas pelo autor africano, inexistentes em dicionários da língua portuguesa? Considero importante explorar a questão da sonoridade que aparece no texto original em Português e que de certa forma se perde na tradução. Teorias de Susan Bassnett e Samia Mehrez, que discutem a questão da tradução e colonialismo entre outros, ajudam-me a refletir sobre o trabalho do tradutor que vem de uma cultura dominante para traduzir uma obra do “Terceiro Mundo.” Focalizo neste trabalho, principalmente o jogo de palavras, a brincadeira com a língua portuguesa e a possibilidade ou impossibilidade, para o tradutor de uma língua anglo-saxônica, manter o mesmo nível lúdico. Antes de discutir a tradução, porém, gostaria de discorrer brevemente sobre teorias da tradução relacionadas com estudos culturais.

Samia Mehrez afirma que a o Primeiro Mundo tem o desafio de aceitar novas noções de teorias da tradução que continuam a ser debatidas e elaboradas dentro da tradição do “humanismo e universalismos ” Ocidental. A crítica argumenta que muitas vezes no referimos a textos pós-coloniais como híbridos ou mestiços porque eles forjam uma nova linguagem que desafia a noção de “estrangeiro” que raramente pode ser traduzido numa nova linguagem (121). Rosemary Arrojo, ao criticar a tradução que Cixous fez do trabalho de Clarice Lispector, argumenta que a cultura dominante muitas vezes assume que sabe sobre a cultura dominada. A cultura subalterna é então modificada ou até simplificada pelo tradutor da cultura “superior”¹ - Susan Bassnett (1992) sugere que muitas vezes a tradução serviu para propósitos coloniais, que andou de mão em mão com a colonização, servindo para apresentar outras culturas dentro das categorias europeias. A professora indiana da Universidade de Calcuta Nabanita Sengupta argumenta sobre os propósitos imperialistas do governo britânico ao traduzir os indianos: “Os imperialistas britânicos tinham um propósito muito prático atrás de traduzir os clássicos indianos – a necessidade de conhecer o colonizado a fim de governá-los efetivamente.” (3)

Os missionários cristãos marcam o começo da época de tradução nos países colônias. Sengupta sugere que a tradução da literatura popular é um negócio dos tempos modernos quando o interesse ocidental pelo colonialismo começou se diminuir. Isso aumentou o interesse na literatura não ocidental. A história da tradução, portanto, tem a ver com a história da colonização quando a cultura dominante traduz uma obra da cultura dominada. É neste aspecto que sugerimos que a tradução faz parte dos estudos transculturais. Partindo desta perspectiva é que gostaria de apresentar a obra de um autor moçambicano, de língua portuguesa e sua tradução para o inglês. Até que ponto a criatividade do autor para brincar com língua portuguesa de uma maneira inovadora, satírica, irônica e debochada é preservada na tradução para a língua inglesa?

Mia Couto nasceu na Beira, em Moçambique, em 1955, foi jornalista e atualmente é professor e biólogo. *O Ultimo Vôo do Flamingo*, publicado em 2000, é o quarto romance e foi lançado quando Moçambique comemorava 25 anos de independência de Portugal. Recebeu o prêmio Mario Antônio Colouste Gubenkian em 12 de junho de 2001. Na entrega

¹ Rosemary Arrojo. “Helene Cixous, Clarice Lispector and the ambivalence of fidelity.” In Bassnett, Susan and Trivedi, Harish. Post-colonial translation. London and New York: Routledge, 1992.

do prêmio o autor faz comentários para destacar os danos causados pela colonização e chama a atenção para a guerra desenfreada que causa tanto sofrimento para a nação colonizada. O escritor ressalta a importante arte das palavras, o trabalho indispensável dos escritores para despertar o colonizado para seus direitos e preservação de sua cultura. A obra *O Último Vôo do Flamingo* tem o cenário em Moçambique, numa cidade fictícia Tizangara, onde militares da ONU estão para acompanhar o processo de paz depois de um longo período de guerra civil. O soldados começam a se explodir subitamente, sobrando somente suas boinas azuis e seus órgãos sexuais, um deles encontrado em plena rua. Os soldados, diz o narrador, acreditavam que eram os mestres das fronteiras, capazes de promover a paz. O narrador da história é um tradutor que acompanha um emissário da ONU de nacionalidade italiana, Massimo Rissi, responsável por investigar as mortes dos soldados. Nesta investigação é o que leitor tem a oportunidade de viajar no mundo dos vivos e dos mortos, de realidade e de fantasia, de feitiços e de sobrenatural. Assim, podem-se ouvir várias vozes, provindas de diversos locais e classes sociais diferentes de Moçambique. As personagens proporcionam ao leitor conviver com várias versões da realidade e várias formas de expressar o seu mundo. Dentro de um realismo fantástico observamos Temporina, com rosto de velha e corpo de moça, mas que em flagrante de amor rejuvenesce; Tia Hortência que, depois de morta, se transforma em louva-a-deus; Estevão Jonas que, quando toca uma mulher, suas mãos aquecem até ficarem como “carvão aceso”, o pescador Suplício, que ao dormir pendura os próprios ossos fora do corpo. No entanto, o que se observa nesta polifonia é a possibilidade de questionar uma verdade estabelecida pelo colonizador ao apresentar vozes que questionam as atitudes colonizadoras: “Morreram milhares de moçambicanos, nunca vos vimos cá. Agora, desaparecerem cinco estrangeiros e já é o fim do mundo?” (32) A personagem alerta para o problema social muito sério que a África sofre há muitos anos e que é desconsiderado pelos europeus. O padre, pertencendo de certa forma a outra esfera de convivência e a outra classe social, relata a permanência do colonizador que não pede licença para ocupar o espaço: “A bicheza não visita lugar da gente. Pelo menos, sem o devido assentimento. E o padre – como o senhor que nos visita sem nos perguntar – disse apontando para o italiano”(123). A leitura torna-se agradável pela maneira satírica e humorística que o autor desenvolve a narrativa. Esta forma de brincar com a língua portuguesa, inventando, re-

inventando ou “dês-inventando” como diz Mia Couto, é que traz dificuldade para o tradutor. Como afirma o crítico africano Memê ao referir-se à obra de Mia Couto, em artigo publicado na revista *Agora : economia, política e sociedade* (maio 2001) : “a tradução absoluta da obra parece impossível no que respeita à recriação ou "revelação" da língua portuguesa. Como traduzir, por exemplo, "atrapalhaço" ou "olhos embrulhados de sono" ou "concavidei-me com ele"?

Palavras como “bazarinhando”, “esparvalhamento” cujos significados o leitor, mesmo da língua portuguesa, tem dificuldade em deduzir se não for pelo contexto da narrativa ou se não tiver conhecimento da cultura do falante. Inovações no uso da língua portuguesa que muitas vezes nos lembra Guimarães Rosa. Como no exemplo usado por Mia Couto: “seus pés terreavam” (p) que o tradutor optou por “his feet hugged the earth”. Parece-me que neste caso o tradutor mantém a mensagem telúrica, o apego da personagem à terra, porém sem manter inovação da sua língua. Em outra passagem, porém, a tradução para o inglês parece não manter o mesmo tom afetivo em relação à terra: “Passou-se o tempo e eu saí da terra nossa”(48). O tradutor optou por esta expressão: “Time went by and I left the area” (31). A expressão “desfalavam” foi traduzida por “they changed the topic of the conversation.” O tradutor revela ter entendido bem o contexto da mensagem, embora não tenha conseguido, em sua tradução, manter a re-criação da língua. Ao questionar personagem , o narrador e tradutor de Tizangara, Chupanga, o adjunto de Estevão Jonas fala: “Não é você que fala afluentemente as outras línguas? “ Percebemos a sátira do autor a bajuladores como Chupanga que ao assumir um papel de poder se utilizam do idioma de uma forma errada. É impossível para o tradutor da língua inglesa manter o mesmo tom satírico do que lê na língua portuguesa, embora neste caso a duplicidade de sentidos permanece também na tradução.: “aren’t you the one who speaks other languages affluently? “Affluently” pode ser lido como falar ricamente ou também como um equívoco no uso da língua. Neste contexto, podemos ver outro exemplo da criatividade do autor quando, pela voz da prostituta, Ana Deusqueira o leitor depara-se com a seguinte afirmação: “Sou puta legítima. Não uma desmeretriz. (29)” A personagem fala isso para Dona Ermelinda, que era supostamente uma mulher da sociedade e que se comportava como meretriz. A palavra em português, desmeretriz pode nos remeter a palavra desmérito,

como se Dona Ermelinda fosse uma meretriz sem mérito. A tradução “I’m a lawful whore. I’m not one of those jamless tarts” manteve parte do contexto jocoso do texto original, embora sem a mesma intensidade (15). Um outro exemplo que revela a invenção da língua portuguesa, que não pôde ser mantida na tradução, vemos na passagem seguinte: “Dona Ermelinda, ao lado de seu esposo, lhe bichanava...” cuja tradução para o inglês ficou: “Dona Ermelinda, next to her spouse, mumbled to him” perde a ambigüidade da palavra recriada. Em outro exemplo, encontramos a expressão “parecia um desqualquerficado”(52) onde percebemos a junção da palavra qualquer com a palavra desqualificado que não pode ser mantida na tradução: “as if life had disqualified me”(37). Percebe-se que a mensagem contida no original abre possibilidade para várias interpretações, enquanto que na tradução, o texto perde a amplitude de sentidos e afasta do significado original. Outra expressão criativa como na seguinte frase: “Já o mensageiro partia, fulminante quando estacou e arrepiou o caminho...” (27), o tradutor optou por: “The Messenger was setting off at the doublé, when he stopped and turned in his track...” A tradução obviamente perdeu o lúdico existente no original. Ao criar a palavra “administratriz” ao referir-se à esposa do Administrador, o autor sugere uma administradora que queria ser imperatriz, mas insinuando que tinha características de meretriz. A tradução “the administrator’s lady” obviamente perdeu toda esta ambigüidade de sentidos, esta linguagem “em forquilha” como diz Homi Bhabha. O duplo ou triplo sentido que ajuda a desestabilizar a “verdade” dos “poderosos” do local. Como diz o próprio autor, em uma crônica, “os homens nasceram para desobedecer aos mapas e desinventar bússolas. Sua vocação é de desordenar paisagens”.² O que se percebe, portanto, é o diálogo entre as línguas escritas europeias e as línguas orais africanas, e, através dele, também o diálogo entre formas da textualidade escrita e formas da textualidade oral. Estas são, na realidade, características da literatura africana. Este diálogo possibilita a re-invenção de palavras, a recriação que traz ao escrito um pouco do oral. No caso da tradução que estamos comentando, da língua portuguesa para a língua inglesa, o tradutor trabalha com certo hibridismo, uma espécie de diálogo entre

² COUTO, Mia. "A morte nascida do guardador de estradas". In. *Cronicando*. Lisboa: Caminho, 1991, p. 167-169.

formas presentes no texto original em Português e no texto da língua alvo. O tradutor tem a tarefa difícil de manter a linguagem próxima da oralidade, como no exemplo: “O motor nhenhenhou-se”(31) que nos lembra expressões de Guimarães Rosa. O tradutor não encontrou uma maneira de manter esta onomatopéia ao traduzir da seguinte forma: “The engine groaned”(18). Ao usar a expressão, por exemplo, “do sexo masculino” o autor sugere de uma maneira humorística masculino e “mais” ou “superior” , enquanto que o tradutor ao optar por “fully qualified male” manteve um pouco da mensagem sem poder, no entanto, manter a brincadeira com o idioma.

Ademais, vemos por exemplo o grande uso de trocadilhos que a língua portuguesa possibilita e que dificulta na tradução para o inglês. *O Último Voo do Famingo* contém um grande número de trocadilhos, como, por exemplo a expressão: “-atropilado ou atropelado” que na tradução de David Brookshaw ficou “run over or run into”. Como pode-se perceber na versão em inglês perdeu-se o trocadilho e a brincadeira com o idioma desapareceu. Expressões que o próprio da língua portuguesa precisa prestar atenção no contexto cultural para poder entender a mensagem. Percebemos que o tradutor procura manter a rima e a sonoridade quando a língua alvo permite a manutenção do trocadilho. Nas ocasiões em que o tradutor encontra na língua alvo palavras de origem latina como na língua de origem, ele consegue manter os trocadilhos ou ditados com rima. Por exemplo a expressão “nu e cru” traduzida que o autor opta por “crudely and rudely”(1).

Em alguns exemplos o tradutor mantém a maneira inventiva de trabalhar com o idioma, embora se afaste um pouco do sentido original da palavra. É o que vemos nesta passagem:

“E se era órgão, assim díspar e ímpar, de quem havia sido cortado”? (26). O tradutor optou por esta expressão: “If it was an organ, disparate and disparate as it was, from whom had it been cut”? (12). Percebe-se, portanto um esforço do tradutor em manter a sonoridade ou musicalidade do texto como ao traduzir a expressão “estava ali para as crenças e nascenças”(50) para: “And open all manner of beliefs and beginnings”(34)

Na expressão “irresponsabilizou” o tradutor optou por “they washed their hands” que pode nos sugerir certa criatividade do tradutor ao estender o significado da expressão.

Muitas vezes a estrutura gramatical do idioma obriga a mudanças que conduzem o tradutor a um texto diferente do original: “Ela é uma dessas que anda, mas não leva sombra com ela” (40). “She’s one of those women who go around without taking their shadow with them.” (25). Neste aspecto podemos perguntar: até que ponto o tradutor tem em sua língua as ferramentas para manter o jogo de palavras, o lúdico, a brincadeira e a recriação da língua?

Neste trabalho tive a intenção de mostrar a criatividade do autor moçambicano ao renovar e reinventar a língua portuguesa com humor e sátira que servem como instrumento de crítica a verdades estereotipadas. Mostro que a tradução para a língua inglesa muitas vezes perde o tom humorístico ou satírico do texto original. No entanto, não se pode, neste caso fazer crítica ao tradutor por não ter apresentado a linguagem de forma inovadora e tão aberta para interpretações. Nem acredito que se pode falar que todas as simplificações feitas ao traduzir para o inglês têm a ver com propósitos coloniais ou com a “superioridade” da cultura dominante sobre o escritor do Terceiro Mundo ou como sugerem alguns críticos, para diminuir a complexidade da cultura do texto traduzido. Não seria, portanto, desatenção à graça e charme da língua portuguesa, mas mais que isso, limitação pela própria característica da língua alvo. Traduzir de uma língua latina para uma língua anglo-saxônica traz dificuldades no que se refere à inovação e criação de novas palavras. É importante também ressaltar que a tradução promove a divulgação e a possibilidade de discutir a obra de autor africano de língua inglesa, a sua tradução e sua recriação. Penso que o valor da tradução é justamente proporcionar a discussão sobre o autor, sobre a África e sua literatura e sobre tradução.

Referências

Arrojo, R. . Interpretation As Possessive Love: Hélène **Cixous**, Clarice Lispector, And The Ambivalence Of Fidelity. In: **Susan Bassnett**; Harish Trivedi. *Post-colonial Translation. Theory and Practice*. London and New York, 1992.

Bassnett, Susan and Harish Trivedi (eds) **Post-Colonial Translation**. Theory and Practice. London & New York: Routledge, 1992

Bhabha, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

Couto, Mia. *O Último Vôo do Flamingo*. S. Paulo: Cia das Letras, 2005.

_____. *The Last Flight of Flamingo*. Transl. By David Brookshaw. London: Serpent's Tail, 2004.

_____. "A morte nascida do guardador de estradas". In. Idem. *Cronicando*. Lisboa: Caminho, 1991, p. 167-169.

Memê, in *Agora, Economia, Política e Sociedade*. Disponível no endereço

:<http://www.agora.co.mz/mai01/magazine.htm>

Mehrez, Samia. "Translating and the Postcolonial Experience: The Francophone North African Text." in Venutti, Laurence. *Rethinking Translation*. London and N York: routledge, 1992

Sengupta, Nabanita, "*British Imperialism and the Politics of Translation: Texts from, and from Beyond, the Empire.*" In *Translation Today*-Central Institute of Indian Languages, Mysore.National Book Trust India, New Delhi.Sahitya Akademi, New Delhi. 2006. Ou disponível em http://www.anukriti.net/vol2/editorial_policy.asp